

DESCOBRINDO A FUZZIOLOGIA

Vlad Dimitrov (2001)

Universidade de Western Sydney

E-mail: v.dimitrov@uws.edu.au

Home page: <http://www.uws.edu.au/vip/dimitrov/>

Traduzido por **Júlio Torres**¹

Eu sei que não sei. Sócrates (500 BC)

A fuzziologia [1] é um novo ramo da investigação humana, que apresenta as fontes e dinâmicas da inexatidão (*fuzziness*) – incerteza, imprecisão, indeterminação – inerente à nossa existência, naquilo que experienciamos, naquilo que aprendemos e conhecemos ao longo das nossas vidas.

Quais são as Principais Mensagens da Fuzziologia?

Primeira Mensagem

Aquilo que experienciamos, aprendemos e conhecemos pode ser considerado como um mapeamento, da matéria não *fuzzy* que tudo permeia, do universo para o espaço “transcendental” das idéias humanas.

O universo é uma expressão materializada das dinâmicas que tudo permeiam – energias, forças, formas, substâncias –; sua interação resulta na produção de forças auto-organizadoras de várias naturezas e magnitudes. Essas forças são responsáveis pela organização da matéria em realidade material não *fuzzy*, que tentamos perceber e estudar por meio dos nossos sentidos coordenados pela nossa mente, enquanto usamos instrumentos, objetivando ampliar a habilidade dos nossos sentidos.

Apesar de o espaço interior dos nossos pensamentos, emoções, sentimentos, crenças, aspirações, sonhos etc ser um produto das mesmas dinâmicas universais, ele preserva sua característica essencialmente dinâmica; os pensamentos e as emoções estão em contínuo movimento – eles emergem, interagem, desaparecem e emergem novamente. Eles penetram um ao outro, misturam-se a conceitos complexos e sentimentos, hábitos e histórias. Suas “fronteiras” são não apenas fluidas e permeáveis, elas se expandem, encolhem, combinam-se, “fractalizam-se”, “bifurcam-se” etc. Nesse sentido, as consideramos emanações *fuzzy* do nosso espaço interior. Como todo o processo do conhecimento humano é gerado a partir dessas emanações, *nosso conhecimento é inerentemente fuzzy*.

Segunda Mensagem

Nós – os seres humanos – somos a fonte principal de inexatidão (imprecisão, ambiguidade, indeterminação, falta de clareza, indiferença, obscuridade) que permeia a nossa experiência e existência, nosso entendimento e conhecimento, nossa “linguagem” e ação.

Sendo um produto das dinâmicas auto-organizadoras e evolutivas da natureza, e, ao mesmo tempo, um fator das suas mudanças, é difícil para nós entendermos qual é o motor destas dinâmicas, onde ele está localizado e como ele funciona. Estamos tentando responder a essas questões estudando o mundo ao nosso redor, e, enquanto fazemos isso, nós nos separamos do mundo. A mente, que busca entender o mundo, permanece aqui – centrada nos nossos cérebros e sentidos –, o mundo que observamos e estudamos espalha-se lá fora – no universo.

Nós pensamos que o mundo evolui de uma forma diferente da forma como nós evoluímos, que ele tem seu próprio motor diferente do motor que dá suporte às nossas vidas. Seguindo esse tipo de lógica, nossa mente, analisando, classificando e separando continuamente, toma o próximo passo: ela aceita que a fonte de todas as dificuldades que emergem no caminho para se entender o mundo está no próprio mundo, na interação das suas dinâmicas caóticas, na sua variedade, complexidade e vastidão. Que alívio é para a mente aceitar que é o mundo que é incerto e *fuzzy*, difícil de prever e

¹ José JÚLIO Martins TORRES – Site: www.teoriadacomplexidade.com.br – E-mail: jjmtorres@gmail.com

duro de entender; a mente faz o melhor de si para entender o mundo, mas a inexatidão que surge dela cria uma bagunça sem significado, na qual vivemos e morremos.

Terceira Mensagem

Uma inexatidão nunca foi e nunca será localizada fora da natureza humana – num mundo separado de nós. Tal mundo separado de nós simplesmente não existe; o mundo e nós estamos para sempre conectados através do cordão umbilical das dinâmicas comuns que tudo permeiam – energias, forças, substâncias e formas. Elas nos criaram no processo das suas interações. Elas apóiam a nossa existência e vitalmente afetam nossas vidas, mas nós também contribuimos nas maneiras como elas se manifestam através da nossa natureza evolutiva.

A natureza não seleciona um tipo especial de dinâmicas para apoiar a nossa existência, e outro tipo para apoiar a existência do resto do mundo. As células vivas dos nossos corpos finitos e as constelações do nosso infinito universo compartilham o mesmo *campo de energia* – um campo que sustenta a vida e a evolução da natureza animada, e estimula mudanças e transformações das formas existenciais inanimadas. As maneiras como experienciamos e vivemos nesse campo, as maneiras como interpretamos e explicamos suas inumeráveis manifestações, as maneiras como fazemos sentido dessas manifestações parecem *fuzzy* para nossas mentes.

O que vemos e sentimos como existindo fora dos nossos corpos afeta nossa experiência interior e conhecimento, e vice-versa: nossa experiência interior e conhecimento afetam crucialmente como vemos o mundo; então, a separação entre interior e exterior é artificial. Além disso, tal separação faz surgir a ilusão e alimenta a nossa ignorância.

A inexatidão da nossa experiência, dos nossos pensamentos, sentimentos, palavras e ações não inibe nossa vontade de entender os enigmas e paradoxos da existência; pelo contrário, é apenas por causa deste tipo de inexatidão que nossa vontade de conhecer e nossa busca pela verdade continuam para sempre. Se fossemos capazes de saber tudo, não haveria necessidade de nos empenharmos pelo conhecimento e pela verdade.

Quarta Mensagem

A inexatidão não é um estado estático, ela se *move* – se expande e encolhe, se bifurca ou “explode” em muitos fluxos. Quanto mais ampla e profunda for a investigação humana, mais saturada com fluxos convergentes, e misturados de ideias *fuzzy* e histórias que sempre se movem e se transformam, hipóteses e teorias, emoções e sentimentos, crenças e expectativas, aspirações e sonhos.

As *dinâmicas da inexatidão* nunca se movem numa linha reta – do desconhecido para o conhecido; pode-se imaginá-las num movimento parecido com vórtice, como as dinâmicas de um turbilhão ou tornado. O que assumimos como conhecido, hoje, se torna *fuzzy* amanhã, apenas para parecer claro depois de um tempo, e novamente *fuzzy* um momento depois. Os refluxos e ondas naturais da inexatidão continuam para sempre.

Na maneira similar como a da vorticidade de um turbilhão ou de um tornado produz forças de significativa magnitude, a “vorticidade” da inexatidão produz e sustenta a vontade de conhecer e revelar a verdadeira natureza da realidade. E essa vontade leva à emergência de visões, êxtases de inspiração, iluminação e sabedoria.

Quinta Mensagem

Quanto maior a “vorticidade” da inexatidão da nossa experiência e conhecimento, isto é, quanto mais rica e impregnada com dinâmicas são seus campos, maior é a chance de *epifania* – uma faísca repentina intuitiva no nosso pensamento, uma percepção espontânea da natureza essencial da realidade, uma descoberta iluminadora da verdade.

A fuzziologia refere-se a tal epifania como um ato de transcendência das limitações que a inexatidão coloca no nosso entendimento e experimentação da totalidade da realidade. Nós

chamamos isso de *ressonância harmoniosa de transcendência* [2] – uma ressonância envolvendo a capacidade da mente de pensar e entender, a capacidade do coração de sentir e cuidar, a capacidade da alma de intuir e ver a totalidade. Quando uma ressonância harmoniosa ocorre, sentimo-nos inspirados e cheios de determinação, nunca desistimos do nosso esforço para a verdade e a sabedoria.

Quais são as Fontes e Dinâmicas da Inexatidão?

Duas abordagens para se investigar a realidade

Nós interagimos com o ambiente natural numa busca para

- apoiar nossa existência enquanto usamos seus recursos;
- entendermos suas leis e suas realizações;
- experimentarmos sua harmonia e grandeza.

Nós interagimos com a natureza também para exercitar nosso poder sobre ela, para fazê-la obedecer aos nossos desejos.

A inexatidão do nosso entendimento das dinâmicas da natureza tem sua fonte não tanto nessas dinâmicas ou nas suas incorporações materiais (elas expressam simplesmente como a natureza funciona – se auto-organiza e evolui numa harmonia rítmica), mas no nosso posicionamento em relação a elas. Nós podemos tanto olhar para elas como algo que está fora de nós e estudar da maneira como a ciência o faz – por meio de experimentos e de inferências lógicas, ou considerarmos nós mesmos como suas emanações, como um campo no qual essas dinâmicas atuam, e assim, tentarmos entendê-las, investigando nossa natureza interior. *A diferença das duas abordagens é essencial.*

Com a primeira abordagem, tendemos a criar realidades artificiais – sistemas e ferramentas, teorias e narrativas, que modelam ou explicam aspectos parciais das dinâmicas da natureza; elas nunca podem entender a completude dessas dinâmicas, pois a completude inevitavelmente inclui o trabalho dessas dinâmicas *em e por meio* de nós. Logo, a primeira abordagem leva apenas a representações transitórias e eventualmente distorcidas e ilusórias das dinâmicas existenciais. Nós usamos o termo *inexatidão ilusória* para caracterizarmos a inexatidão relacionada ao nosso entendimento da realidade por meio da sua modelagem e conversão parcial em realidades artificiais (ou virtuais).

Paradoxo das realidades criadas artificialmente

O paradoxo é que as representações e modelos artificiais que criamos frequentemente parecem bem definidos – não-*fuzzy* –, precisos e logicamente fundamentados. Infelizmente, a maioria deles é distorcida e ilusória, pois apresentam e explicam os fenômenos, que representam, separados das suas raízes no espaço dinâmico interior daqueles que criaram os modelos. Quanto mais mergulhamos na modelagem “bem definida” da natureza e da vida, menor é nossa chance de entendermos a essência delas. Estamos vitalmente conectados com essa essência, nós somos sua descendência e as batidas dos nossos corações refletem seu ritmo sustentador da vida.

A inexatidão do nosso entendimento das dinâmicas da natureza tem sua própria fonte não tanto nas nossas interações com essas dinâmicas, mas na maneira em como fazemos sentido delas e dos seus efeitos. Nossa existência está vitalmente enraizada e depende completamente da interação – interações com a natureza e um com o outro –, mas essas interações não tornam a nossa existência *fuzzy*. As interações dão suporte aos nossos corpos, e não há nada *fuzzy* no funcionamento dos nossos corpos. A doença, caso ocorra, não é uma inexatidão – ela simplesmente anuncia que a harmonia do funcionamento dos corpos em relação às dinâmicas da natureza está perturbada. O que parece *fuzzy* para nossa mente são as consequências das interações, nosso sentir e nosso entendimento dos fenômenos difíceis de prever espontaneamente, que emergem das interações, em vez das interações por si mesmas.

Fontes de inexatidão

Como já mencionamos antes, a principal fonte de inexatidão do nosso entendimento está em *nos considerarmos separados das dinâmicas da natureza*. A qualquer momento, quando pensamos sobre nós mesmos como separados da natureza, como criaturas dotadas com a habilidade de governá-la e, assim, utilizar seus recursos até que eles sejam exauridos, ondas de inexatidão – incerteza, imprecisão, falta de clareza – surgem no nosso entendimento sobre as dinâmicas naturais. E não apenas no nosso entendimento, mas também na nossa experiência, no nosso conhecimento e na nossa habilidade de nos autorrealizarmos na vida.

Por que isso acontece? Porque a separação, inevitavelmente, leva à distorção da percepção da pessoa sobre a totalidade e integridade da existência – *sine qua non* para qualquer entendimento claro. Pois a separação fortalece os nossos egos, nos faz construir intensivamente mundos artificiais, onde nós podemos satisfazer nossas vontades egoístas. Pelo prisma de uma individualidade egocêntrica, tudo parece não apenas *fuzzy* – não claro e vago – mas também perigosamente mutilado e distorcido.

Uma individualidade egocêntrica torna-se facilmente uma vítima de sentimentos destrutivos como luxúria, raiva, ganância, orgulho, arrogância, ódio, medo, ansiedade, ciúme, pesar. Eles causam confusão no cérebro da pessoa e complicam a inexatidão no entendimento dela.

Outra fonte de inexatidão é a ligação cega de alguém a vários objetos de desejo; tal ligação proíbe a liberdade de movimentação dos pensamentos e das emoções, torna-os presos e incapazes de revelar qualquer cenário mais amplo e profundo da realidade.

A terceira fonte de inexatidão é a fenomenal lavagem cerebral na sociedade organizada por aqueles que têm o maior poder de influência em formar seu desenvolvimento; os mais vulneráveis para essa lavagem cerebral são as crianças e os jovens com pouca experiência de vida. Desde a mais tenra idade, uma enorme dose de inexatidão é injetada nas suas mentes através da TV, filmes, lições da escola, jogos de computador etc.

Dinâmicas da Inexatidão

Nosso caloroso esforço para entender

- o ambiente natural,
- a nós mesmos,
- a sociedade

canaliza a nossa motivação para conhecer em três linhas principais – no sentido de entender a natureza, a nós mesmos e a sociedade.

Estando continuamente centradas na nossa vontade de conhecer, as dinâmicas da inexatidão são simultaneamente atraídas para três atratores “caóticos” – a natureza ao nosso redor (o mundo exterior), a natureza dentro de nós (o mundo interior), e a sociedade humana (a realidade social).

Enquanto investigava as dinâmicas causadas pelos três corpos que atuam concomitantemente, o avô da teoria do caos de hoje – o matemático francês Henri Poincaré – descobriu em 1870 a existência do caos na trajetória de qualquer objeto exposto a suas forças de atração.

Podemos nós imaginar a inexatidão do nosso conhecimento como um objeto cujas dinâmicas estão expostas a três atratores? Como dissemos antes, a inexatidão é uma característica inerente dos nossos pensamentos que se movem continuamente num espaço Kantiano de idéias. Nós nos referimos a este espaço “transcendental” como “Espaço Experiencial Humano” [3] preenchido não apenas com ideias – produtos da nossa mente –, mas também com emoções e sentimentos – produtos do nosso coração –, com crenças espirituais, buscas inspiradas e aspirações – produtos da nossa alma. Na presença dos três atratores – mundo exterior, mundo interior e sociedade –, as dinâmicas da inexatidão tornam-se caóticas – imprevisíveis e sensíveis às menores perturbações.

Enquanto se move – esticando-se e dobrando-se, expandindo-se e encolhendo, aumentando e diminuindo – de uma maneira imprevisível, a inexatidão do nosso conhecimento nos permite gerar significado a partir da nossa experiência. Nós podemos imaginar a emergência de significados como emergência de atratores caóticos a partir de dinâmicas caóticas da inexatidão. Nós nos referimos a esses atratores como “atratores caóticos de significado” [4].

Os atratores caóticos de significado fazem-nos revelar mais sobre nossa natureza interior, sobre nosso relacionamento uns com os outros, sobre nossa unidade com os outros e com o ambiente natural, sobre as maneiras nas quais o ritmo do universo pulsa não apenas por meio dos nossos corpos, mas também por meio das nossas mentes e almas, sobre a emergência das rupturas de inspiração, preenchendo cada um de nós com vitalidade e vontade de criar, sobre o poder onipresente da nossa intuição, sobre a imortalidade do espírito que tudo permeia.

A inexatidão no nosso entendimento da sociedade tem suas raízes na natureza autorreferencial da nossa consciência sobre as dinâmicas sociais. É a consciência de algo como um movimento vivo no qual estamos também incluídos, sem fixá-lo ou estarmos separados dele. É uma consciência da vida enquanto ela se desdobra por meio de cada um de nós, por meio da sociedade e por meio do universo, uma consciência profunda das dinâmicas sociais trabalhando dentro de nós. Tal tipo de consciência é algo essencialmente diferente da mera observação, da fixação e da compreensão dos processos sociais como se eles se movessem “lá fora”, isto é, fora da mente do observador. Tornando-nos cientes das dinâmicas sociais, nossa experiência dessas dinâmicas permanece uma conosco (que as experimentamos) e nos TRANSFORMA tomando conta de nós. Assim, entender a inexatidão da experiência social de alguém, isto é, conhecimento e entendimento de alguém sobre a sociedade, significa entender a inexatidão da experiência individual da própria pessoa, a inexatidão do que alguém conhece e entende sobre si mesmo – uma inexatidão que muda (move-se, transforma-se, evolui) junto com as mudanças (movimento, transformação e evolução) de cada um de nós.

Referências

1. Dimitrov, V. (2000). *Introduction to fuzzyology*.
<http://www.uws.edu.au/vip/dimitrov/fuzzysoc.htm>
2. Dimitrov, V. (2000). *The consciousness resonance in action*.
<http://www.uws.edu.au/vip/dimitrov/consciousness.htm>
3. Dimitrov, V. and Ebsary, R. (1998). *Intrapersonal autopoiesis*.
<http://www.pnc.com.au/~lfell/vlad2.html>
4. Dimitrov, V. (2000). *Strange attractors of meaning*.
<http://www.uws.edu.au/vip/dimitrov/SAM.htm>

©Vladimir Dimitrov, 2001